

ANEXO

Este anexo está dividido em duas subseções. Na primeira, apresentaremos a classificação das potências e, em seguida, todos os países ($n = 62$) que lideraram alguma OI entre 1975-2017. Na segunda, iremos descrever a trajetória de cada grupo de potências - e, depois, de cada país - em relação ao número de OIs lideradas.

Classificação, ranking e distribuição das lideranças de OIs entre países

A classificação alternativa, proposta neste anexo, é baseada nos trabalhos de Valencia e Ruvalcaba (2014) e Ruvalcaba *et al.* (2016). Neles, os autores estratificaram o sistema internacional em quatro níveis: (1) potências mundiais; (2) médias; (3) regionais; e (4) subregionais. Para hierarquizá-las, os autores partiram dos casos que, segundo a literatura, compõem cada grupo e, depois, exibiram a média do WPI para cada um dos grupos. O Quadro A1, abaixo, aponta os países que compõem cada grupo. Os países não mencionados nos quatro primeiros grupos foram reunidos numa quinta categoria chamada de potências menores. Além da apresentação dos resultados em 5 grupos, também utilizaremos uma divisão tripartite. Para isso, as potências médias, regionais e subregionais serão agregadas sob um único grupo de potências intermediárias.

Quadro A1 - Classificação das potências

Classificação	País
Potências mundiais	Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Reino Unido.
Potências médias	Austrália, Bélgica, Coreia do Sul, Dinamarca, Espanha, Holanda, Noruega, Suécia; Israel*
Potências regionais	África do Sul, Arábia Saudita Argentina, Brasil, China, Índia, México, Rússia, Turquia; Emirados Árabes Unidos*, Malásia* e Polônia*.
Potências subregionais	Egito ¹ , Filipinas, Irã, Nigéria, Paquistão; Cazaquistão*, Colômbia*, Indonésia*, Venezuela* e Ucrânia*
Potências menores	Argélia, Áustria, Bulgária, Camarões, Chile, El Salvador, Equador, Etiópia, Fiji, Finlândia, Gana, Grécia, Irlanda, Jordânia, Kuwait, Líbano, Mali, Marrocos, Nova Zelândia, Panamá, Peru, Portugal, Quênia, Senegal, Serra Leoa, Sri Lanka, Sudão, Suíça, Tailândia, Tanzânia, Togo, Tunísia e Uganda

Fonte: elaborado pelos autores, a partir do WPI.

¹O Egito foi classificado como regional em Valencia e Ruvalcaba (2014), mas optou-se por colocá-lo como subregional, pois foi a classificação mais recente em Ruvalcaba *et al.* (2016).

* Esses países não lideraram nenhuma OI no período estudado.

Este esquema classificatório fixo contrasta com o realizado no artigo. Aqui, cada país é considerado estável ao longo das quatro décadas em estudo. Com isso, objetivamos confrontar os resultados encontrados a partir da classificação móvel - e, por conseguinte, contingente aos limiares do WPI - com esta categorização fixa - surgida a partir da revisão de outros autores. Vale destacar que ambas as classificações incorrem em casos incomuns: se a móvel coloca o Reino Unido, em determinados momentos, como potência média, a fixa posiciona a Itália (mundial) dois estratos acima da China (regional), por exemplo. Assim, ao considerarmos as falhas de ambas as estratificações, podemos oferecer um quadro mais abrangente da realidade.

O número total de OIs-ano lideradas por cada país não mudou em relação ao que consta na Tabela 1 do artigo – visto que a forma de classificação dos países não impacta na contagem de lideranças de cada país individualmente. Convém, no entanto, apresentar um contraste em relação às dez primeiras posições. Com a classificação móvel, este grupo era composto por 4 potências mundiais, 4 intermediárias e 3 menores. Agora, sua composição contém os mesmos 4 países com classificação móvel mundial (Estados Unidos em 1º; França, 2º; Japão, 3º; e Reino Unido, 10º), 6 países dentre os intermediários e 1 país classificado como potência menor.

Os intermediários são representados por 3 duplas de cada subgrupo. As potências médias são Suécia (4º) e Austrália (8º). As regionais são o Brasil (6º) e a Índia (8º). O Egito (5º) e a Nigéria (7º) foram classificados, aqui, como subregionais - vale destacar que ambos os países foram, no artigo, classificados como potências menores. Por último, as potências menores estão representadas por apenas um país, o Senegal (9º). Esses dados podem ser vistos sob a forma do mapa de árvore (Figura A1). Na figura, a área total corresponde à totalidade de organizações-ano e dentro de cada subgrupo os países estão dispostos por número de OIs-anos lideradas.

1. Potência mundial														5. Potência menor						3. Potência regional																																	
Estados Unidos						França						Senegal		Chile		Portugal		Líbano		Quênia		Brasil		Índia																													
												Suíça		Fiji		Nova Zelândia		Sudão		Tailândia		China		Argentina		Turquia																											
												Gana		Jordânia		Peru		Bulgária		Grécia				Kuwait		África do Sul		Rússia																									
														Finlândia		Sri Lanka		Mali		Serra Leoa				Tunísia																													
												Argélia		Áustria		Tanzânia		Marrocos		Irlanda		Egito		Nepal		Togo		Cambojas		Bangladesh																							
2. Potência média						3. Potência média						4. Potência subregional																																									
Japão						Reino Unido						Itália						Suécia						Austrália						Espanha						Coreia do Sul						Egito						Nigéria					
Canadá						Alemanha						Dinamarca						Bélgica						Holanda						Noruega						Filipinas						Paquistão						Indonésia					

Legenda: potências mundiais em vermelho; médias, azul; regionais, verde; subregionais, roxo; e menores, laranja.

Assim como foi feito com a classificação móvel, podemos explorar a distribuição de OIs de acordo com a concentração de lideranças simultâneas por ano. Adotamos os mesmos critérios do artigo, ou seja, considerar apenas os casos em que um país liderou 1 ou mais OIs. Ao todo, há 923 observações (um país liderando, pelo menos, uma OI). Destes, em 688 casos (74,5%), o país liderou apenas uma OI. Em 235 casos, houve concentração com um país

² Na seção de resultados do artigo, as lideranças do Líbano entre 1975-1988 foram retiradas por não haver valores do WPI para tais anos. Aqui, o Líbano foi mantido já que está se utilizando a estratificação fixa.

capitaneando 2 ou mais OIs num mesmo ano. Esses valores, porém, variam entre os grupos, como pode ser observado na Tabela A1.

Tabela A1 – Concentração relativa de lideranças por grupo

	Quantidade de OIs lideradas por um país num ano (%) ³				Total de anos em que os países do grupo lideraram 1 ou mais OIs
	1 OI	2 OIs	3 OIs	4+ OIs	
Mundiais	39,8	23,3	7,3	29,6	206
Intermediários	76,6	19,6	3,3	0,5	368
<i>Médios</i>	70,5	25,9	3,6	0	139
<i>Regionais</i>	80,3	12,9	5,3	1,5	132
<i>Subregionais</i>	80,4	19,6	0	0	97
Menores	92,8	5,7	1,4	0	349

Fonte: elaborado pelos autores.

Assim como nos resultados da classificação fixa, o grupo com maior concentração é o de potências mundiais. Juntos, os sete países da categoria lideraram 2 ou mais OIs em 60,2% dos casos, sendo quase metade destes casos de 4 ou mais lideranças simultâneas. Na classificação com base no WPI, nenhuma categoria além das mundiais lidera 4 OIs. Aqui, porém, a China soma 2 anos (2015-2016) para as potências regionais, quando esteve à frente da Organização da Aviação Civil Internacional, da União Internacional de Telecomunicações, da Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial e da Organização Mundial da Saúde simultaneamente.

Vale destacar uma diferença marcante entre os resultados das duas classificações. Ainda que as potências mundiais concentrem, aqui, muitas OIs num mesmo ano, os valores encontrados para elas foram maiores na classificação móvel. Enquanto a Tabela A1 mostra 29,6% das mundiais liderando quatro ou mais OIs, este valor foi de 37,5% para a estratificação móvel - e o mesmo acontece com os demais níveis de concentração. A razão disso é que o ordenamento atual inclui, dentre as potências mundiais, países que lideraram poucas OIs por ano - a Itália, por exemplo, nunca liderou mais de uma OI num ano.

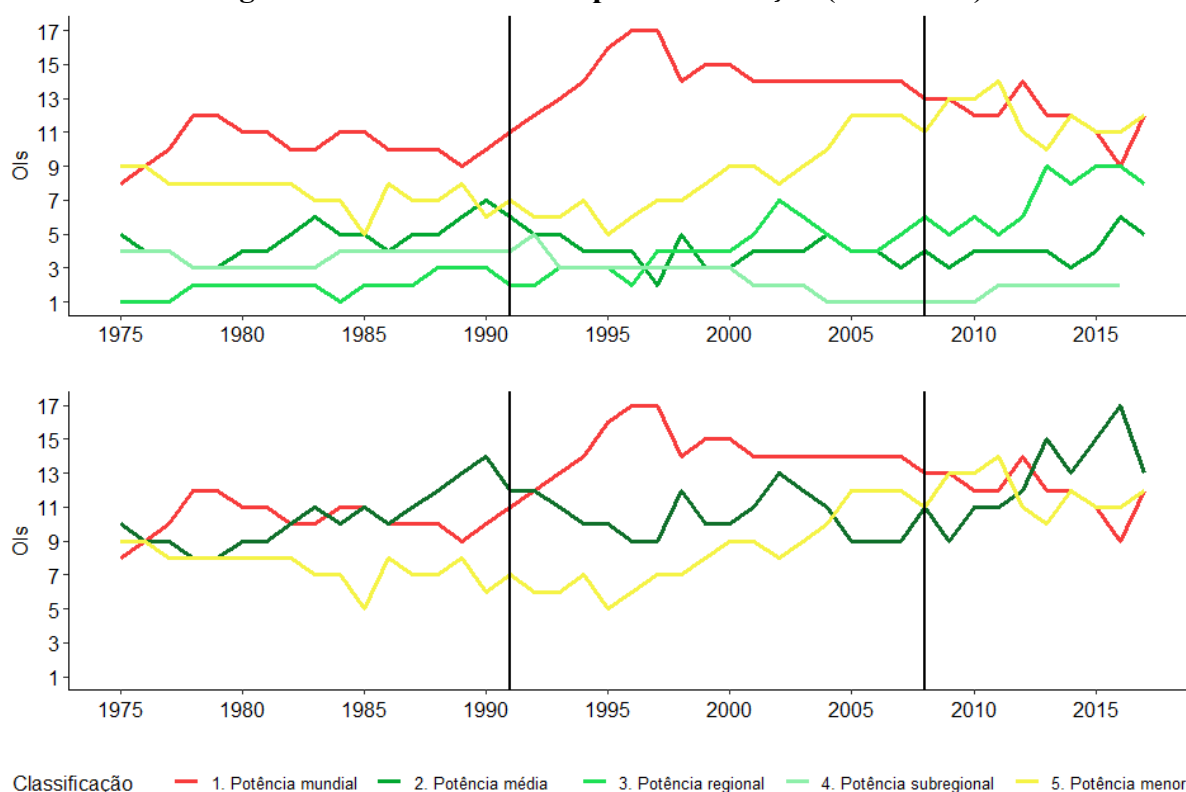
³ O cálculo da porcentagem de OIs lideradas num ano foi feito a partir do valor alcançado e não pelo máximo possível. Na tabela, equivalem à proporção considerando o total de cada linha (i.e. dos 206 casos em que as potências mundiais lideraram ao menos uma OI, em 29,6% elas lideraram 4 ou mais OIs).

Os demais dados mostram discrepâncias ainda mais pronunciadas. Os resultados revelam uma tendência de maior concentração conforme o aumento do nível de poder: em 92,8% dos anos, as potências menores lideraram apenas uma OI. À medida em que subimos na hierarquia dos intermediários, aparece o mesmo cenário: ainda que não haja, virtualmente, diferença entre as subregionais (80,4%) e as regionais (80,3%), as potências médias possuem valores mais concentrados, com 70,3% de casos de uma potência média liderando apenas 1 OI, mas já 25,9% de ocasiões em que seus integrantes comandavam 2 OIs ao mesmo tempo.

Liderança das potências nas OIs ao longo do tempo

Assim como na seção de resultados, voltamo-nos, aqui, à pergunta central desta pesquisa: afinal, as potências intermediárias aumentaram sua presença nas OIs após o fim da Guerra Fria? Para respondê-la, a Figura A2 apresenta o número de organizações que cada grupo de potências liderou entre 1975 e 2017 - novamente, com linhas verticais para 1991 e 2008, anos que marcam, respectivamente, o fim da Guerra Fria e a crise financeira de 2008.

Figura A2 - Número de OIs por classificação (1975-2017)



Fonte: elaborado pelos autores. O verde mais escuro, no segundo gráfico, representa os três grupos de potências intermediárias somados.

Na Figura A2, fica evidente que as potências mundiais foram as maiores líderes das OIs até pouco depois da crise de 2008 - com exceção do ano de 1975, o qual teve mais potências menores à frente de OIs. É interessante observar a trajetória das potências mundiais: na primeira década após o fim da Guerra Fria, esse grupo aumentou a sua distância com os demais - algo que vai de encontro às expectativas da literatura. O principal puxador do grupo, neste momento, foram os Estados Unidos (de 4 OIs em 1983 para 9 em 1995) que, inclusive, passaram a liderar 3 organizações antes comandadas por intermediários.

A partir dos anos 2000, entretanto, houve um momento de estabilidade para este grupo (14 OIs-ano). Isso, porém, não capta uma dinâmica interna da categoria: enquanto os Estados Unidos diminuíram o número de OIs (5 em 1999 e 4 a partir de 2005), a França foi de 2 OIs em 2003 para 6 em 2007. Após a crise de 2008, no entanto, observa-se a tendência de queda das potências mundiais, conforme antecipado pela literatura. No ano de 2016, cinco países do grupo lideraram 9 OIs, sendo 4 pelos EUA, 2 pelo Japão e uma por França, Itália e Reino Unido, cada - o valor mais baixo para as potências mundiais desde 1989. O ano de 2017 parece trazer um novo sopro para as potências mundiais (12 OIs), mas pode ser apenas um pico passageiro, como o de 2012 (14 OIs).

As potências menores apresentam a trajetória ascendente mais pronunciada da série, especialmente se os intermediários não forem considerados como uma única categoria. No período anterior ao fim da Guerra Fria, as potências menores foram o segundo grupo de maior destaque e, nas duas décadas compreendidas entre 1990 e 2010, conseguiram dobrar o número de organizações-ano. Tal importância, entretanto, não se deve a grandes destaques de membros individuais: o Quênia foi o único país do grupo a conseguir liderar mais de duas OIs num mesmo ano, feito que aconteceu de 2013 a 2017, e a maioria dos países liderou apenas uma OI por ano, como demonstrando na subseção anterior. O alto número de OIs lideradas pelas potências menores parece, portanto, ser produto do grande número de países incluídos na categoria.

Dentre as três subcategorias que compõem a classe das potências intermediárias, comentaremos primeiramente sobre as potências médias. Elas apresentam oscilações em toda a série e, diferentemente dos demais grupos, não há um padrão tão nítido em seu comportamento. Assim como as potências menores, nenhuma potência média concentra um grande número de OIs em apenas um ano. Somente a Dinamarca (1980-1983) e a Coreia do Sul (2016) lideraram 3 OIs num mesmo ano. Comparando as trajetórias dos dois países, notamos que elas são, contudo, bastante distintas: a Dinamarca liderou OIs em todos os anos entre 1975 e 1987, mas não alcançou a liderança de nenhuma mais após esse período. A

Coreia do Sul, por sua vez, liderou a primeira OI em 2003, alcançando duas em 2015 e três em 2016. É interessante, ainda, notar que a Dinamarca não está desacompanhada no grupo de países médios que não lideram OI há muito tempo: a Bélgica liderou pela última vez em 1998; a Holanda, 2004; e a Noruega voltou a liderança de uma em 2016, após 14 anos sem chefiar OIs.

Dentre os países médios, o mais constante foi a Suécia. Além de ter sido o quarto país que mais liderou OIs dentre todos (58 OIs-ano), esteve à frente de pelo menos uma OI em 38 dos 43 anos entre 1975-2017. Apesar de não haver um padrão tão nítido, as duas últimas décadas parecem mostrar menos protagonismo das potências médias tradicionais, não obstante um discreto aumento entre 2014-2016.

As potências regionais, por sua vez, apresentam uma trajetória que vai ao encontro do que a literatura apresenta. Até o ano de 1991, apenas quatro países lideraram uma OI (Arábia Saudita, Brasil, Índia e México; sendo que este último só aparece na série no ano anterior, 1990). Entre 1996-2004, o Brasil é o destaque da categoria, apesar de nunca ter ultrapassado 3 chefias num ano. Nesse período, o único novo país a liderar OIs foi a Argentina, aparecendo na série em 1997.

Observando toda a série (1975-2017), o Brasil e a Índia possuem posição de destaque, tendo liderado, respectivamente, 44 e 31 OIs-ano. Ambos os países estiveram presentes em praticamente toda a série: a Índia não liderou nenhuma OI entre 1991-2001 e em 2015-2017. O Brasil, por sua vez, apenas esteve ausente no final do período da ditadura militar (1975-1984) e em boa parte do governo Lula (2005-2011). Em número máximo de OIs num mesmo ano, o destaque é do Brasil (3) e da China, que foi o primeiro país do grupo a alcançar 4 OIs-ano (2016).

A partir de 2005, o número de presidências aumentou paulatinamente. Neste ano, a Turquia passou a liderar o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Em 2007, a China alcançou a diretoria-geral da Organização Mundial da Saúde. No ano seguinte, a África do Sul passou a liderar o Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos. Em 2010, o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime passa a ser chefiado pela Rússia. O crescimento das potências regionais na liderança de OIs contribuiu para o grupo alcançar, em 2016, o mesmo número de OIs que as potências mundiais lideraram - mas é necessário considerar, também, que estas últimas fazem um movimento de decréscimo.

As potências subregionais, por fim, não possuem uma expressão destacada. Elas passaram, inclusive, a liderar menos OIs no século XXI do que nas décadas anteriores ao fim da Guerra Fria: de 4 - com um pico de 5 em 1992 - para 1 ou 2 desde 2001. Os dois principais

países do grupo são Egito e Nigéria que correspondem, juntos, a 81,4% das OIs-anos do grupo. Nenhum dos outros três países (Filipinas, Irã e Paquistão) liderou uma OI no século XXI.

Quando observamos os três estratos de intermediários agrupados num só conjunto (linha verde escuro do segundo gráfico da Figura A2), notamos que os intermediários descrevem uma trajetória de ascensão. Entre 1975 e 1990, há uma evidente subida puxada, sobretudo, pelas potências médias, cujo maior destaque foi a Dinamarca na década de 1980. Trata-se de um dos momentos em que a categoria ultrapassa tanto as potências mundiais quanto as potências menores. Na década imediatamente posterior ao fim da Guerra Fria, observamos o decréscimo no número de OIs lideradas pelos intermediários - algo que vai de encontro aos apontamentos da literatura.

Entre 2000 e 2009, não há um padrão claro no comportamento do grupo: quando vemos os dados desagregados, percebemos que a subida dos regionais é contrabalanceada pela descida das potências médias e subregionais no mesmo período. Esses movimentos somados geram picos e vales na distribuição do número de OIs no grupo dos intermediários. A tendência de subida dos regionais continuará no período posterior e será somada à ascensão das potências médias.

Após a crise de 2008, portanto, os intermediários aparecem bastante destacados. Dentre os regionais, há a contribuição de muitos países, mas o maior destaque é da China, que foi de 0 para 4 OIs-anos em menos de uma década. Dentre os médios, a Austrália, a Espanha e a Noruega passaram a liderar OIs após 2008. A Coreia do Sul é, porém, a maior responsável pelo aumento dos médios: foi de 1 para 3 OIs entre 2008 e 2016. Apenas quatro anos após o fim da crise de 2008, os intermediários ultrapassaram as potências menores (2012) e, no ano seguinte, as potências mundiais. A trajetória de ascensão dos intermediários compreende, ao mesmo tempo, um aumento do protagonismo das potências regionais, declínio das subregionais, e aproximado equilíbrio das médias.